

ENTREVISTA COM TANIA RIVERA<sup>1</sup>

AN INTERVIEW WITH TANIA RIVERA

## – PODERIA NOS CONTAR SOBRE O PAPEL OU FUNÇÃO DA ESCRITA NA SUA VIDA?

**TANIA** - A pergunta é muito boa, mas muito difícil de responder, porque relança em mim a questão fundamental – e que me surpreende, confesso, ainda hoje, depois de muitos anos de reflexão e prática: o que é, afinal, a escrita?

Há muitos tipos de escrita, ligadas a funções diversas, no dia a dia das pessoas em geral, e não creio que seja o caso de circunscrever um deles – a escrita teórica ou a literária, por exemplo – como superior e único digno de interesse. Penso que devemos, antes, considerar a escrita – qualquer escrita – como gesto fundamental, e sempre retomado, de inscrição no mundo.

Em seu grau zero, digamos, toda escrita é, em primeiro lugar, inscrição do sujeito em uma superfície – papel, tela ou parede, no caso dos *graffitis*, por exemplo. Ou dos homens pré-históricos a traçar desenhos na parede de cavernas, em um gesto que, antes de supormos que tenha intenções mágicas, devemos reconhecer que põe em ato, muito simplesmente, a presença de alguém – e a transmite a outrem.

Antes de poder ser vista e lida por meu semelhante, servindo à comunicação, a escrita talvez seja, neste sentido, oferta de algo de si a um Outro inalcançável, dessemelhante – como os imensos traçados do povo Nazca no solo de um deserto no Peru, que só podem ser totalmente vistos, hoje, de avião, e, portanto, nunca o foram pelo próprio povo pré-colombiano que os realizou. Ela se destinaria a uma espécie de Olhar Outro, que comandaria e garantiria a cena do mundo. Nessa linha de pensamento, ao traçar desenhos ou letras, eu me daria a esse Olhar de modo a tomar lugar nesta cena, ao mesmo tempo em que dela me ocultaria em parte, podendo mover-me para fora de seu palco.

Por isso, entendo a escrita como gesto elaborativo em potencial: nele me refaço, recolocando em jogo meu lugar, ao mesmo tempo em que posso mudar alguma mínima coisa na cena da fantasia e no mundo que a abriga. A criança que empunha pela primeira vez um giz e cria uma curva colorida no papel realiza, portanto, algo extraordinário, que ela retomará por sua própria conta e risco ao aprender a compor letras e se apropriar materialmente da linguagem, aprendendo a escrever para fins de comunicação com os outros.

Diante de qualquer papel ou tela, somos convidados a refazer este gesto. Não é à toa que tanta gente o suspende, em inibição e angústia. Escrever nos convoca a brincar com o “bloco mágico” de que fala Freud, aquele palimpsesto móvel que é o próprio psiquismo. E escrevendo, pode-se ser levado eventualmente ao gesto de “virar a página”, no qual Lacan aponta uma das figuras do “ato analítico” em sua radicalidade.

Escrever é para mim, portanto, algo muito sério, e ao mesmo tempo lúdico, implicando prazer e, por vezes, alguma angústia. Longe de ser uma atividade

<sup>1</sup> *Psicanalista, ensaísta e professora do Departamento de Arte e da Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes da Universidade Federal Fluminense (UFF). Recebeu o prêmio Jabuti de Psicologia/Psicanálise (2014) com o livro “O Averso do Imaginário: arte contemporânea e psicanálise” (Cosac Naify, 2013). Atuou como professora visitante no departamento d’Arts plastiques da Universidade Paris 8, Vincennes Saint-Denis, em março de 2016. Foi curadora da exposição “Lugares do Delírio” (Museu de Arte do Rio, 2017 e Sesc Pompeia, 2018), entre outras. E-mail: taniarivera@uol.com.br*

<sup>2</sup> *Entrevista realizada pela gestão anterior da SIG Revista – Clarice Moreira da Silva, Cristina Gudolle Herbstrith, Felipe Canterji Gerchman e Lísia da Luz Refosco.*

de gratuita ou mera exibição de saberes, trata-se de uma espécie de necessidade: escrevo porque acredito que algo deve ser dito e passado adiante.

**– A PARTIR DE SUA EXPERIÊNCIA E ESTUDO, QUAL O LUGAR DA ESCRITA NA TRANSMISSÃO DA PSICANÁLISE?**

**TANIA** - Na linha do que vinha dizendo acima, podemos considerar que *escrita é transmissão*, na medida em que lhe é inerente o caráter de registro de uma experiência singular, mas que se destina de saída ao outro. Toda escrita pressupõe o outro, seu olhar ou leitura, e só com ele se fecha em circuito.

Quando escrevemos, nos lemos e relemos, como nota argutamente Susan Sontag, e isso já implica minimamente um jogo entre eu e outro, uma alternância e alteração de si como aquela que Arthur Rimbaud já indicava com a fórmula “eu é um outro”. Ao escrever, somos convidados a ocupar o lugar de um outro no circuito do desejo, na cena da fantasia, e apenas através dessa movimentação pode vir a se configurar uma “voz” própria, aquilo que comumente se chama “estilo”. Em vez de consistir em expressão de um “si mesmo” preexistente, essa voz é, em minha opinião, a modulação em formas diversas do que se apresenta a nós e nos causa. A “voz” de um escrito traz, neste sentido, configurações parciais do inconsciente ou *d’Isso*, do Id freudiano que mergulha nas coisas e no mundo e deixa claro que o sujeito não coincide com o indivíduo em sua “subjetividade”, sua “psicologia”. O traço e sua configuração em letra são retomadas materiais *d’Isso* que está no mundo, e não jaculações de uma subjetividade autônoma e bem delimitada.

Em psicanálise, a ideia de que se trata de transmissão, e não de mero ensino e aprendizagem de teorias e de sua aplicação clínica, justifica-se pela importância de se reconhecer a radicalidade da experiência de uma análise. Não basta dizer, contudo, que esta é fundamental e que um analista não pode dela prescindir em sua formação, tendo a seu lado o estudo teórico. A questão essencial é a do nó entre as duas vias, dos modos singulares pelos quais tal experiência incide sobre a própria teoria e sobre sua apropriação por cada analista.

Creio que a própria teoria psicanalítica explicita sua estrutura transmissiva – ou seja, de inacabamento e demanda de leitura singular e reescrita por parte de cada estudioso –, apesar de existirem, é claro, muitos escritos que a reduzem a dogmas e fórmulas fixas. Desde a escrita dos sonhos do próprio Freud em *A Interpretação dos Sonhos*, no qual o onírico é proposto e explorado como texto, a teorização freudiana é aquela de uma voz se constituindo e modulando em consonância com prática clínica. A teoria é fiel a esta dimensão da experiência e se afirma como busca constante, e a este respeito a noção de “construção em análise” é eloquente: trata-se de traçar palavras em narrativas jamais fixadas em uma verdade universal, de combinar letras em formulações moventes, tanto na clínica quanto em sua transmissão.

**– QUAL SUA POSIÇÃO SOBRE A ESCRITA NA FORMAÇÃO DE UM PSICANALISTA?**

**TANIA** - Para responder a essa questão gostaria de ressaltar que a leitura de Freud já constitui, na linha de reflexão que estamos tentando desenvolver, uma espécie de escrita de cada estudioso, de cada analista. Ela convoca a reescrita singular do “bloco mágico”, cujas inscrições de base são perdidas e devem se retrair e refazer, na análise como na teoria. E como na vida.

Essa concepção não deve ser tomada, entretanto, como uma espécie de

relativização da teoria. Não se trata simplesmente de cada analista construir “sua” teoria e “sua” escrita, a seu bel-prazer. Ela aponta, sim, para a necessidade de uma apropriação teórica e clínica não dogmática, na medida em que nela se implica a singularidade de cada estudioso (e todos somos aprendizes diante da experiência do inconsciente, mesmo quando já realizamos nela uma longa trajetória). E reconhece, assim, a importância de uma certa invenção na formação interminável de cada um. Mas o fundamental é que ela indica um rigor mais fundamental e difícil do que aquele da citação, da repetição dogmática de combinatórias já fixadas: a fidelidade a tal experiência em sua singularidade.

Essas ideias tampouco devem ser compreendidas como pregando a obrigatoriedade da produção de textos por parte de todo ou toda analista. Afinal, não há prescrições ou garantias, no terreno movente e plural da apropriação da psicanálise. E é da modulação da voz de cada um – de *escrita*, no sentido que proponho aqui – que se trata, também, na clínica de todo dia.

#### – DE QUE ESCRITA ESTAMOS FALANDO QUANDO O OBJETO EM QUESTÃO SE TRATARIA DO INCONSCIENTE?

**TANIA** - Justamente, creio que não se trata de ter o inconsciente como “objeto” da escrita e tema da transmissão. Trata-se, antes, de vê-lo como uma espécie de *operador*, que faz vibrar a relação entre sujeito e saber e assim desestabiliza a própria linguagem. Acho que o campo na cultura no qual isso (ou *Isso*, em maiúscula) costuma se dar é aquele da poesia. E da arte.

Por isso com frequência recorro, em minha busca de transmissão (ou seja, na missão de pôr em trânsito minha experiência em psicanálise), ao diálogo com a literatura e as artes: para tentar convocar, em ato, tal operação. Acho que o diálogo de Freud com tal campo inaugura esse caminho, que é uma espécie de “método alteritário”, no qual a psicanálise explicita sua busca de palavras “emprestadas” em obras como *Édipo Rei*, em seu exemplo mais forte e óbvio. É na tragédia de Sófocles que o psicanalista encontra a nomeação para seu conceito central de Complexo de Édipo. As construções psicanalíticas se fazem, assim, com traços já presentes na cultura, do mesmo modo como as formulações em análise empregam palavras do analisando – e de outros, em combinatórias que podem alterá-las um tanto.

Mais do que simplesmente ter acesso, no campo da arte, às palavras fundamentais que habitariam o inconsciente, o psicanalista nele pode se pôr em atrito com a vibração da linguagem que é correlata ao descentramento do eu – e, portanto, deste dá notícias. Tal correlação não possibilita, contudo, a meu ver, um uso funcionalista da arte e da literatura, ou ainda da escrita, como técnica terapêutica, pois não se trata de um esquema de causa e efeito, mas sim de uma certa ressonância. Antes mesmo de a psicanálise ser criada, a literatura e a arte eram o amplo terreno, de fronteiras mal definidas, no qual se subvertia e apresentava o sujeito como efeito, entre nós. A subversão do sujeito não é apêndice da clínica psicanalítica, apesar de esta explorá-la e visá-la em um dispositivo próprio e singular. O sujeito está na Cultura (ele aí *mal está*, se quisermos brincar com a tradução de *Unbehagen* como *O Mal-Estar na Cultura*).

Mais do que “conteúdos” do inconsciente, creio que a literatura e as artes fornecem algo muito importante para o psicanalista: estratégias de subversão, modelos plurais de incitação ao descentramento do eu. Acredito que dialogar com elas pode ajudar-nos a pôr em movimento a teoria psicanalítica. Além disso, podemos tentar “pegar carona” em sua vibração da linguagem, nos efeitos

que elas podem produzir, para tornar sensível aquilo de que se trata na psicanálise. Para tentar *performar* a própria teoria, acentuar seu poder descentrador e subversivo – que deve ser considerado, ademais, em suas incidências políticas, para além da clínica em suas delimitações tradicionais.

– NO LIVRO *PSICANÁLISE\**, VOCÊ AFIRMA QUE “PARA TRANSMITIR A EXPERIÊNCIA IMPLICADA NA CLÍNICA E NA TEORIA, SERIA OBRIGATÓRIO RECORRER AO ENSAIO – E, EM VEZ DE ESCREVER ‘SOBRE PSICANÁLISE’, ESCREVER *PSICANALITICAMENTE*” (P. 17). PODERIA NOS FALAR UM POUCO MAIS SOBRE O TEXTO ENSAÍSTICO E POR QUE O CONCEBE COMO A FORMA MAIS INTERESSANTE DE TRANSMISSÃO DA PSICANÁLISE?

**TANIA** - Escrever “psicanaliticamente” consistiria em desdobrar, com todo rigor, a proposta de fidelidade da escrita em psicanálise à experiência de descentramento do eu. Para tal, a escrita deveria *performar*, ou seja, pôr em ato, a implicação do enunciador em sua enunciação como disjunção e desestabilização da própria linguagem, e não como identidade a gerar textos autobiográficos ou autorreferenciais, por exemplo.

Tal implicação do sujeito da enunciação só se dá singularmente; não creio que existam fórmulas gerais nem preceitos que a guiem, na medida em que ela é a própria modulação de voz de que falávamos há pouco. De minha parte, busco-a há muitos anos no diálogo com a arte e a literatura, como já disse. Não se trata, porém, de usar obras com fins didáticos ou para tornar mais palatável ou agradável a recepção da psicanálise. Trata-se de me apropriar de palavras e formulações da arte e da literatura para nelas, ou em conversa com elas, tornar presente minha própria voz. Desde minha tese de doutorado, defendida em 1996, havia me aproximado do ensaio como escrita mais fluida e hesitante, mais afeita à experiência do pensamento como processo, dúvida e incerteza do que o formato acadêmico tradicional, feito para veicular certezas.

Eventualmente, trago em meus escritos pequenas narrativas autobiográficas, mas apenas quando um acontecimento realmente se mescla ao pensamento, como ocorreu, por exemplo, no sonho que relato no livro *Guimarães Rosa e a Psicanálise*, de 2005. Mais recentemente, com *Fora da Imagem*, de 2018, decidi publicar de forma independente um texto que força os limites tanto da fluidez do ensaio quanto da exigência de performatividade. O livro consiste em uma reflexão sobre imagem que assume sua inscrição na vida (em minha vida), recusa qualquer enunciação neutra e acaba, por esses dois motivos, aproximando-se da ficção. Poderíamos talvez caracterizá-lo como *novela teórica*, ou *reflexão autoficcional*. Conto nele um episódio muito doloroso, acontecido durante o luto de uma pessoa muito importante em minha vida, meu ex-marido e pai de minhas filhas, que faleceu precocemente. Trata-se do encontro, poucos meses depois de sua morte, com uma fotografia que ele havia tirado. Essa experiência me ensinou algo fundamental sobre a imagem em geral, e a fotografia em particular.

Talvez pela gravidade da situação, a dor e o amor que implicava, pensei que seria injusto e mesmo antiético recolher dela uma reflexão teórica neutra, destacando-a do pedaço de vida e afeto no qual ela se deu. Para ser fiel a tal elaboração – parte de um luto e de uma reflexão, ao mesmo tempo – seria necessário contar a história na qual ela se inscrevia; ou melhor, *construir* tal história. No livro, fora o encontro com a foto e talvez uma ou outra cena, tudo é inventado – e, portanto, tudo é verdade, como diria Flaubert. E talvez essa verdade seja necessária à transmissão.

Para mim, *Fora da Imagem* leva adiante o pensamento do livro *Cinema, Imagem e Psicanálise* e de outros textos que publiquei sobre fotografia, e deve ser tomado como reflexão teórica. Ou talvez eu deva dizer que essa é uma de suas camadas, e ele também pode ser lido como uma novela fragmentada e pontuada de devaneios sobre a imagem. Uma outra camada é ainda trazida pela presença de fotografias muito simples, feitas com a câmera do celular, que não ilustram o texto, mas busca enxertar figuras concretas na reflexão sobre a imagem, tentando materializar uma espécie de *pensamento da imagem*.

Algumas fotografias trazem obras de arte em recortes muito pessoais, e recebem títulos que não são aqueles das obras. Tanto essas imagens quanto várias frases do texto são apropriações de que dou crédito, em parte, ao final do livro. Gosto de ter omitido algumas delas, por esquecimento ou lapso, e de assim convocar uma espécie de anonimidade da escrita. Afinal, a escrita se dá sempre em um enorme palimpsesto, em um bloco mágico do mundo no qual recuperamos traços, palavras, frases, e os combinamos de modo a fazê-los *nossos*.

**– NA ENTREVISTA PUBLICADA EM VÍDEO, INTITULADA *O MOVIMENTO DA PSICANÁLISE: TRANSFORMAÇÕES HISTÓRICAS*, PUBLICADA EM 27 DE MAIO DE 2017, VOCÊ CITA SUA PESQUISA COM A FUNARTE SOBRE ENSAIOS PSICANALÍTICOS, E EXPLICITA QUE OS PSICANALISTAS LEEM-SE MUITO POUCO ENTRE SI, EM NOME DE UMA RELAÇÃO DIRETA COM OS MESTRES, ACABANDO REPRODUZINDO UMA POSIÇÃO DE SUBMISSÃO TEÓRICA. PODERIA FALAR MAIS SOBRE ESTA CRÍTICA?**

**TANIA** - A formação implica, como dizia acima, uma apropriação das formulações dos autores fundamentais que são Freud e pós-freudianos como Lacan, Klein, Winnicott e alguns outros. Mas é importante distinguir entre apropriação e citação. A última consiste em mero recurso à posição de autoridade e de reconhecimento do dogma, excluindo a dúvida e o diálogo que seriam capazes de desmontar o texto canônico, estranhando-o e fazendo-nos colocar algo de nós em sua remontagem, como aconteceria na apropriação.

A diferenciação é epistemológica e metodológica, mas se atualiza como modo de leitura: a citação consiste em tomar o texto como enunciado correspondente a um sistema de pensamento fixo e verdadeiro, que coincidiria com um estado empírico de coisas no mundo e ao qual só se pode aderir, repetindo-o, ou então abandoná-lo. Já a apropriação diria respeito a uma leitura que desconfia da coerência e da pretensão à totalidade de todo sistema conceitual, lendo-o freudianamente em busca de seus pontos cegos, de seus lapsos, de seus nós “sintomáticos” – não em uma proposta de interpretação de seu autor, mas sim de aposta na ideia de que todo texto é um trabalho como aquele do sonho. Ler um texto, no caminho traçado por Freud, consiste, portanto, em buscar nele incoerências, repetições, enigmas – e tomar a liberdade de passear, de errar um pouco com eles, em vez de aplainá-los em uma leitura dogmática. A relação com o texto torna-se então uma espécie de aventura na qual estou implicada intimamente, na medida em que se torna impossível neutralizar minha posição em nome de uma instância impessoal de produção da verdade, como na clássica posição científica.

A “relação direta” com os mestres convida a tal aventura, em minha opinião, e não deve se reduzir à citação e à sua explicação escolar, a sua fixação conceitual, a sua compreensão “exata”. Creio que os bons leitores dos mestres são aqueles autores que nos fazem ler e reler as fontes primárias, convidando-nos a tomarmos por nossa vez um caminho próprio de leitura. Esses autores

não visam a explicar Freud ou Lacan pela via da erudição, tornando unívocos e menos complexos os conceitos que estes vão traçando de modo bastante errático, mas assumem tal complexidade. Neste caso, é como se nos pusessem no meio de um entrecruzamento de questões que seria como um labirinto, no qual devemos traçar nosso próprio caminho. Afinal, ler é dialogar, e escrever e publicar é assumir publicamente sua voz nessa conversa.

Isso implica risco, um risco que Freud e Lacan parecem-me ter assumido com grande vigor. Lacan, em particular, teria explicitamente buscado nele o motor para sua transmissão, ao se colocar à prova do improvisado diante da plateia de seu seminário. Em muitos trechos da transcrição de suas aulas podemos perceber hesitações, saltos, acrobacias do pensamento. Longe de ser um oráculo no qual devemos procurar a verdade última, através de um trabalho de exegese que organize e aplaine os problemas, creio que seu ensino oral performa a teoria como aventura e como dispositivo de transmissão em circuito, e deve ser tomado menos conceitualmente do que metodologicamente. Ou seja, mais como convite a se meter no labirinto do que como necessidade de reduzi-lo a estrutura fixa e sem falhas. Quanto a seus escritos, que tentam também performar a teoria, mas por outras vias, ainda mais barrocas e tortuosas, talvez devamos vê-los menos como texto hermético que se trata de interpretar do que como terreno no qual se poderia praticar o conselho do próprio Lacan aos jovens analistas: “façam palavras cruzadas!”.

Não se trata, portanto, em absoluto, de minimizar a leitura dos “grandes mestres”, mas sim de recusar a posição de meros receptores ou comentadores de seu saber, para então assumir a leitura como *ato* no qual estamos implicados. Como autoria. E se esta convoca nossa singularidade, ela tem, é importante ressaltar, uma dimensão política. Ela nos convoca a assumir nossa posição geopolítica, hoje. Em um país periférico como o nosso, creio que nossa geração tem a tarefa de recusar a posição colonizada que naturaliza a posição do europeu como suposto detentor de algo que não alcançaríamos. Infelizmente, o mercado editorial segue marcado por essa premissa, que lhe garante um lucro imediato. Caímos então em um ciclo vicioso: os autores brasileiros são pouco lidos, portanto pouco publicados; e na medida em que não são difundidos, têm dificuldade de chegar a seus leitores em potencial. A tal lógica, que mistura mercantilismo e passividade colonizada, vem somar-se o fato de que o campo da psicanálise ainda é muito marcado pela divisão entre instituições que se organizam transferencialmente em torno de mestres que se creem os únicos herdeiros da “boa” psicanálise – em uma posição narcísica que deve, em minha opinião, ser denunciada como profundamente antianalítica. Infelizmente, até hoje existem escolas de psicanálise nas quais chega a ser proibido o estudo de textos que não sejam dos autores primários e daqueles que nela ocupam posição de poder.

Acredito que isso esteja mudando, e a presença da psicanálise nas universidades brasileiras vem, sem dúvida, contribuindo para isso. Mas as revistas e coletâneas publicadas na área seguem apresentando caráter fortemente endógeno, além de atingirem um público muito limitado. Isso reforça o isolamento da psicanálise e dos psicanalistas nos debates públicos, apesar de o atual momento político ter levado a iniciativas na direção contrária, como o site *Psicanalista pela Democracia* e propostas de atendimento psicanalítico em praças, de que tenho conhecimento em São Paulo e em Brasília, até o momento.

– **NO MESMO VÍDEO, VOCÊ TRATA SOBRE SUA PREOCUPAÇÃO EM RELAÇÃO AO FATO DE QUE, NA REFLEXÃO TEÓRICA, A VIVACIDADE E A PULSAÇÃO DA SINGULARIDADE DA CLÍNICA PARECEM AINDA MUITO POUCO PRESENTES. PODERIA DESENVOLVER MAIS ESTA IDEIA?**

**TANIA** - O vídeo busca divulgar o livro *Psicanálise*, um dos volumes da coleção *Ensaio Brasileiro Contemporâneo*, idealizada e dirigida por Francisco Bosco quando presidente da Funarte e editada por Filomena Chiaradia. A coleção contempla áreas diversas como Filosofia, Política, Estudos de Gênero, Música e Arte, entre outros, com a intenção de mostrar e divulgar o vigor da recente produção intelectual no país, especialmente em sua verve ensaística.

Quando Bosco convidou-me para estar à frente do volume de *Psicanálise*, de imediato percebi que seria a oportunidade ideal para constituir uma antologia de textos de referência até então inexistente e quebrar a lógica mercantil e colonizada de que falava acima, mostrando a força da reflexão em psicanálise no Brasil em todos seus quadrantes. Cada editor podia contar com dois colaboradores de fora do eixo Rio – São Paulo, e convidei dois colegas e amigos muito importantes em minha trajetória: Edson de Sousa e Luiz Celes. Juntos, buscamos garimpar textos de autores de linhas diversas, incluindo não psicanalistas. Tentamos acessar textos da primeira geração de psicanalistas no país, buscando alargar a ideia de “contemporaneidade” para sanar a pobreza editorial já mencionada, mas logo percebemos que isso demandaria uma pesquisa mais aprofundada, que não estava em nosso alcance. Optamos então por ter como marco cronológico um texto de Hélio Pellegrino sobre questões políticas e sociais publicado no período da abertura democrática, que traz uma apropriação da teoria freudiana de forma muito engajada. A partir dele, tentamos dar lugar a psicanalistas que foram importantes para a implantação clínica da disciplina nos diversos estados brasileiros, e que em vários casos eram estrangeiros aqui radicados. Buscamos incluir autores das gerações seguintes, sempre pautados pela necessidade de contemplar as diversas regiões e estados, bem como o mais amplo leque de pertencimento institucional e filiação teórica possível.

Apesar de nossos enormes esforços, nossa seleção traz, sem dúvida, falhas e lacunas. Ela não chegou a uma prospecção total da produção de todas essas décadas, o que demandaria anos de pesquisa e uma equipe maior, sem dúvida. Ela me parece particularmente injusta com a geração que hoje tem entre 45 e 60 anos, aproximadamente, e possui uma produção vasta e de alta qualidade. Essa geração mereceria uma coletânea própria e dedicada apenas a textos recentes e mais claramente ensaísticos.

A coleção da Funarte visava a privilegiar esse formato fluido, o “ensaio”, que costuma ser mais “pessoal”, opondo-se à escrita científica ou acadêmica e estabelecendo, com frequência, relações com a vida cotidiana, a cultura e a sociedade. Foi muito interessante, durante nossa pesquisa editorial, ler os textos de psicanalistas e estudiosos em psicanálise perguntando-nos se e em que medida podiam ser considerados “ensaios”. Em princípio, se poderia supor que os estudos de caso e os escritos que relatam situações clínicas seriam ensaísticos em alto grau, por remeterem à experiência viva, ao “ensaio” sempre a se refazer de nossa clínica cotidiana. Mas este nem sempre era o caso. Muitas vezes tais relatos parecem conformar-se à teoria com perfeição, omitindo as hesitações e pulsações inerentes à experiência clínica.

São raros, na verdade, os textos “clínicos”, e eles talvez estejam se tornando cada vez menos frequentes. Talvez isso se deva, em parte, por envolverem questões éticas, ou talvez, justamente, por colocarem o psicanalista frente à

impossibilidade de construir uma narrativa fiel à multiplicidade e ao caráter móvel e escorregadio das construções em análise. Além disso, a singularidade de cada instante e de cada processo – interminável – de análise corre o risco de ser aplainada em sua relação com a teoria, quando se busca refletir e fixar em texto essas experiências.

Escrever diretamente sobre a clínica não garante, portanto, que se recolha e transmita o essencial da experiência clínica. E este é um paradoxo de peso. Creio que Freud tinha dele perfeita consciência, e que ele o leva a reconhecer e assumir que seus casos clínicos são como romances, mesmo que não se concluam por um final feliz, mas fiquem inacabados e transmitam mais os desacer tos e errâncias do psicanalista do que a excelência de um método, como bem mostram *Dora*, *O Homem dos Lobos* e *a Jovem Homossexual*, por exemplo. O mal-estar do analista logo toma a dianteira em relação à demonstração da eficácia da psicanálise que guiava os *Estudos sobre a Histeria*, fazendo dos textos clínicos freudianos verdadeiros ensaios, em minha opinião, na medida em que põem em questão a experiência e se esforçam, como texto, a dela se aproximarem ao máximo. São maus romances, no sentido clássico do gênero, mas excelentes ensaios. Ou poderiam ser considerados romances pós-modernos, na medida em que assumem a insuficiência da narrativa e performam seu autor na lida com tal precariedade.

Acredito que é justamente esse paradoxo fundamental à transmissão da psicanálise que leva Freud a escrever ensaios como “O Moisés de Michelangelo”, “O Estranho” ou “Transitoriedade”, entre outros. Não se trata apenas de levar a psicanálise a fazer contribuições para outros campos do saber, como a estética. Trata-se, em meu ponto de vista, de reconhecer que a transmissão da experiência psicanalítica é estética, ou seja, convoca as “qualidades do sentir”. Ou melhor, de perceber que o descentramento do sujeito explorado e visado pela psicanálise diz respeito a operações e estratégias que são conformadas pela arte e pela literatura de forma plural, ao longo dos séculos.

Para transmitir isso de que se trata em análise – as pulsações, a movimentação do sujeito na cena da fantasia – nos movemos necessariamente, neste sentido, no campo estético. E podemos aprender com a arte e a literatura, portanto, estratégias e arranjos que nos ajudem a convidar ou convocar nosso leitor a vivê-lo, ainda que de maneira fugaz, ínfima e sem nenhuma garantia.

\* RIVERA, T.; CELES, L.A.M.; SOUZA, E.L.A. (Orgs.). **Psicanálise**. Rio de Janeiro: Funarte, 2017.